



REDESENHANDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO TERRITÓRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO IFAM *CAMPUS* LÁBREA

Judson Medeiros Alves (1); Aline Zorzi Schultheis de Freitas (1); Alline Penha Pinto (2); Sandra Santos da Costa (3); Robson Fonseca Simões (4)

1) Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas, Campus Lábrea, Mestrando da Universidade Federal de Rondônia judyson_alves@hotmail.com. 1) Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas, Reitoria, Mestranda da Universidade Federal de Rondônia, alineschultheis@hotmail.com. 2) Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas, Campus Humaitá, Mestranda da Universidade Federal de Rondônia alline.penha@ifam.edu.br 3) Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas, Campus Humaitá, Mestranda da Universidade Federal de Rondônia, costa.sandra2011@gmail.com 4) Professor da Universidade Federal de Rondônia, campus Porto Velho. Docente do MEPE/UNIR, Mestrado Profissional em Educação Escolar, fonsim2000@hotmail.com.

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade contribuir para o preenchimento de algumas lacunas existentes em relação à prática do processo ensino-aprendizagem nas turmas dos primeiros anos do Ensino Médio Técnico no Instituto Federal de Educação do Amazonas na cidade de Lábrea – IFAM. Para isso serão apresentadas algumas práticas pedagógicas no âmbito da língua portuguesa, baseadas nas contribuições conceituais de alguns teóricos de grande valia para a educação. Percebendo-se que a linguagem é uma ferramenta de suma importância para a formação do indivíduo e que a língua portuguesa está inserida em todos os contextos das demais disciplinas da grade curricular do Ensino Médio Técnico, será problematizado o ensino da língua no Instituto para que sejam agregadas a ele novas fontes que contribuirão para a emancipação dos sujeitos.

Palavras – chave: Práticas pedagógicas. Linguagem. Educação.

INTRODUÇÃO

A motivação para essa intervenção surgiu após a análise de um trecho de Marcuschi (2007) no qual ele afirma que a língua é muito mais um conjunto de práticas discursivas do que apenas uma série de regras ou um sistema de formas simbólicas, e salienta ainda que devemos observar as propriedades dessas práticas. A partir dessa afirmativa iniciou-se uma investigação de como estava acontecendo o ensino de Língua portuguesa no IFAM, uma vez que muitos alunos ingressos no primeiro ano do Ensino Médio encontravam dificuldades de interpretação de textos, tanto na disciplina em questão quanto nos enunciados das atividades de outras como: Matemática, Biologia, História, etc.

Segundo os docentes da disciplina de Língua portuguesa tais dificuldades são oriundas do Ensino fundamental, pois a maioria dos alunos não possuem o hábito da leitura e nem foram



instigados a prática da interpretação durante esse período, gerando assim uma estagnação nesses agora inseridos em um ensino dito como mais “puxado”. Notou-se, portanto, a partir de um acompanhamento mais sucinto junto aos alunos uma série de fatores que contribuem para a queda de rendimento desses: todos os candidatos ingressos no Instituto Federal *Campus Lábrea* vem de uma escola na qual estudavam apenas um período, matutino ou vespertino, cujo currículo contemplava dez disciplinas, enquanto no ensino médio técnico as aulas acontecem em turno integral e dependendo do curso a quantidade de componentes curriculares praticamente dobra ou mais que isso, de dez para 19, 20 ou 21, caso o aluno escolha o Curso de nível médio técnico em Agropecuária.

Percebeu-se também que alguns desses educandos tornam-se evadidos ou não obtêm sucesso devido a não adaptação, seja ela pela sobrecarga de disciplinas, pelo bombardeio de conteúdos ou até mesmo pelas práticas maçantes e defasadas de ensino que não acompanham a realidade vivida pelo adolescente em seu cotidiano.

Diante do exposto e percebendo-se algumas contradições em relação à fala dos professores sobre o não êxito dos alunos, comparada a realidade vivida com a brusca mudança do ensino fundamental comum para o nível médio técnico, propõe-se aos professores de língua portuguesa uma discussão para a possibilidade de trabalhar ações pedagógicas diferenciadas com esses alunos visando priorizar suas culturas, realidades, tempo e principalmente suas empirias.

METODOLOGIA

O escritor Mikhail Bakhtin (1992) faz uma importante contribuição para esse escrito quando menciona que se deve compreender a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação, ao confrontar esse texto com a realidade atual do IFAM *Campus Lábrea* percebe-se que muitas das lacunas percebidas no processo ensino-aprendizagem existem justamente devido ao não acompanhamento das mudanças que aconteceram graças às tecnologias da informação e comunicação, ao tempo e até mesmo na forma de pensar e agir dos adolescentes e jovens de hoje.

O Instituto Federal de Educação do Amazonas é uma continuidade das antigas e extintas escolas agrícolas, nessas os métodos e técnicas educacionais eram bem diferentes, a ciência e a tecnologia não formavam um tripé juntamente com o ensino como são as características de hoje, os alunos não tinham em mãos tanta tecnologia e informação em tão pouco tempo. Porém, muitos



professores não acompanharam nem se adaptaram a essas mudanças, ou simplesmente não se ativeram a necessidade de conhecer a realidade vivida por seus alunos. Tais fatores não apenas contribuem para uma baixa na prática docente como corroboram com o insucesso do educando.

Baseando-se nas ideias de Vygotsky e Bakhtin, Maria Freitas trás uma contribuição que auxilia a entender o papel do aluno no processo educacional:

Pode-se pensar numa nova dimensão do espaço escolar que possibilita a manifestação da diferença dos modos e esquemas de construção do conhecimento acompanhada de um trabalho pedagógico que se transforma numa ação compartilhada, num espaço de elaboração conjunta. Ao se valorizar essa interação dialógica, o aluno não é mais um agente passivo e receptivo, mas um sujeito que age e, pelo seu discurso se faz ouvir, recriando-se no seio de outras vozes. A ação compartilhada permeando o espaço pedagógico humaniza o processo educacional. (FREITAS, 1994, p. 11).

Humanizar o processo educacional seria em outras palavras trazer o mundo do aluno para o mundo da escola, no entanto muitos educadores trazem para a sala de aula um universo paralelo cheio de fórmulas e conteúdos distantes daquilo de qualquer coisa que esteja ao redor do sujeito.

Apesar de Lábrea ter uma grande precariedade em relação à tecnologia, mobilidade urbana e ser uma cidade de difícil acesso, percebe-se que os alunos do Instituto Federal estão antenados a modernidade e acompanham muito bem o que se passa no mundo lá fora, porém o que tem se passado no mundo da sala de aula não tem atraído tanto os seus olhares.

Ainda falando em compreender a realidade iniciou-se uma conversa com dois professores de Língua portuguesa na qual foram propostas a esses que a partir do terceiro bimestre houvesse ações diferenciadas nas práticas de ensino de sua disciplina, com aulas diferenciadas, trabalhos em conjunto, professor e aluno, separar um determinado horário da aula para ouvir os alunos e pedir suas opiniões em relação a temas que esses gostariam que fossem trabalhados, além de levar o conteúdo inserido no plano de ensino para a sala de aula partindo de exemplos e gostos dos principais interessados:

Assim, os saberes adquiridos pelos estudantes (e pelos professores) não estão apenas na escola e na família. Estão na vida, nas relações com os amigos e com os meios de comunicação. Ingenuamente, alguns professores não percebem a presença dos meios/tecnologias na escola (na cultura dos alunos que a ela acorrem), ou mesmo desconhecem os mecanismos de sedução neles presentes. Afirmam ser imprescindível ensinar os alunos a educar-se para os meios, entendendo que lhes basta ter espírito crítico. (PORTO, 2004, p. 09)

O ponto de partida agora foi entender a causa da desmotivação, como fechar as lacunas? Como afirma Porto (2004) há uma série de fatores que influenciam no adquirir dos saberes, por que não aproveitá-los?



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entendeu-se, após várias discussões, que os alunos precisavam ser motivados, necessitava-se de estratégias para tornar a língua portuguesa algo atrativo a ser estudado, e que a linguagem precisava ser vista como uma aliada e não como inimiga. Outro fator a ser mudado seria a postura dos professores, esses deverão ser articuladores, colaboradores e coordenadores das atividades a serem desenvolvidas em conjunto. A primeira estratégia foi tratar o ensino como uma troca de conhecimentos, deixando aluno e professor mais próximos falando a mesma língua. Pois como afirma Paulo Freire:

A educação constitui-se em um ato coletivo, solidário, uma troca de experiências, em que cada envolvido discute suas ideias e concepções. A dialogicidade constitui-se no princípio fundamental da relação entre educador e educando. O que importa é que os professores e os alunos se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 1998, p. 96).

Já na primeira aula diferenciada pôde-se notar uma nova reação da parte dos alunos, olhares mais fixos no professor, ouvidos mais atentos a uma nova proposta, muitos dedos erguidos pedindo a vez para falar. Talvez essa primeira reação tenha sido a curiosidade, mas essa fez com que muitos se expressassem. Saber que o professor que ouvir a sua opinião, o que ele sabe sobre aquele determinado assunto, além de tornar a aula mais interessante mostra para o aluno que ele é o personagem principal no processo de ensino-aprendizagem.

Quando indagados sobre suas principais dificuldades a maioria exclamou sobre muitos dos fatores que haviam sido diagnosticados previamente: Sobrecarga de disciplinas, aulas cansativas, pouco tempo de descanso etc... Alguns questionaram o porquê de só agora lhes fazerem essas perguntas. Questionados pelo professor se gostavam de estudar Língua portuguesa e se essa lhes ajudavam na interpretação das demais disciplinas, houve uma resposta quase que unanime com uma outra pergunta, pergunta essa bem corriqueira. Queriam saber por que estudavam certos conteúdos e que serventia esses teriam no futuro? Sem saber o que falar o professor respondeu que todo assunto é importante e que um dia eles iriam precisar daquilo. Esse primeiro momento encerrou com uma proposta para o próximo encontro: Cada aluno trazer um conteúdo de língua portuguesa que ele julgue importante para a sua desenvoltura escolar.

Após o primeiro momento com os alunos para uma aula diferenciada, reuniu-se novamente com os docentes de Língua portuguesa para averiguar os resultados e impressões obtidas, esses notaram uma maior participação dos alunos e um certo entusiasmo para a próxima aula, notou-se também que muitos problemas enfrentados pelos alunos passam despercebidos e não são levados



em conta no momento da avaliação. Essa percepção trás uma contribuição de Foucaut (1970) quando esse diz que o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história. E essa história é construída pelos sujeitos.

Chegou-se então a conclusão que para as próximas aulas de Língua portuguesa os professores não deveriam mais levar textos prontos e sim construí-los juntamente com os alunos, pois embasado no que diz Barthes (2004) um texto é feito de escritas múltiplas oriundas de várias culturas, entram umas com as outras em diálogo, mas há um lugar em que esta multiplicidade se reúne, e esse lugar é o leitor.

O indivíduo consegue interpretar um texto, quando é capaz de entender, compreender o que o texto lhe traz. Ele entende as “entrelinhas”, as informações que não estão explícitas e relaciona com sua realidade, com as experiências que já possui. Pois como cita Marcuschi “[...] não se trata de um espelhamento, pois a língua não reflete a realidade, e sim ajuda a constituí-la como atividade” (MARCUSCHI, 2008, p. 25).

A partir de uma boa interpretação que o aluno se torna capaz de fazer uma boa produção de texto. É nessa produção que esse pode mostrar sua criatividade, expressar suas ideias e seus sentimentos através da linguagem escrita. Este momento é muito importante no processo de aprendizagem, por isso é necessário que o professor utilize as sugestões do educando, priorize a produção que faça parte da realidade de seus alunos e insira o conteúdo a ser ministrado no contexto dessas aulas.

O ideal é que os professores de língua portuguesa trabalhem seus conceitos de forma conjunta com as demais disciplinas e não separadamente como acontece costumeiramente. Dessa forma aquelas 21 disciplinas terão um tom mais ameno. Que interessante seria se aqueles alunos oriundos da zona rural estudantes do curso técnico em Agropecuária fossem instigados a produzir um texto sobre a produção vegetal do sítio da sua família, ou se o aluno de Informática pudesse passar para o papel como ele contou as novidades após as férias para seus colegas de turma através do *Whats App*. Sua capacidade de compreensão lhe ajudaria a produzir excelentes textos, incentivando-os assim a uma maior disponibilidade para a outra atividade.

Outro fator fundamental para o desenvolvimento empírico do aluno é o ambiente escolar, as aulas de língua portuguesa a partir da realização de novas ações contribuirão grandemente no processo emancipatório do educando, porém ainda é pouco, a escola precisa dar subsídios aos seus alunos para que estes tenham condições de aprender a aprender. Tânia Porto explicita muito bem isso na parte do texto onde comenta:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Entendemos a escola como espaço/contexto de transmissão de conhecimentos e de produção de saberes. Escola que é movimento e transformação porque é composta por pessoas em relações. Escola como espaço de socialização, de encontros, convivência, colaboração e embates entre os sujeitos, mediada ou não por tecnologias. Escola onde se vive processos de comunicação e interatividade entre os participantes da educação, comprometidos com a historicidade do conhecimento e com a colaboração na produção de saberes/conhecimentos. Escola cujos sujeitos são autores de sua prática e de seu espaço/tempo de produção, construindo e vivendo relações, saberes, desafios e perspectivas de ser professor. (PORTO, 2009, p.39).

Torna-se muitas vezes contraditória a escola que diz ser o ensino a sua prioridade, no entanto, não dá oportunidades para o aluno realizar o seu protagonismo. Pensando nisso, uma segunda ação pedagógica será posta em prática, além de trabalhar com produções textuais a partir da realidade do aluno, uma forma de ajuda-lo nas questões interpretativas será a interdisciplinaridade aliada àquilo que o aluno possui maior desenvoltura. Por exemplo: As aulas de língua portuguesa se unirão a outras disciplinas como matemática, geografia, informática básica e outras... O conteúdo abordado na aula da outra matéria será utilizado como tema para uma apresentação de português, através de música, paródia, encenação, poema. A forma será aquela na qual o sujeito melhor se desenvolve.

As novas ações pedagógicas colocadas em prática nas turmas dos Primeiros anos do Ensino Médio Técnico no IFAM Campus Lábrea interior do Amazonas, na disciplina de Língua portuguesa visa ajudar o processo ensino-aprendizagem como um todo. Com o redesenho de algumas práticas pôde-se constatar, em um curto período de tempo, que grande porcentagem de reprovações, desistências e evasões se dão pela não observância de simples fatores na vida do educando, por isso faz-se plenamente necessário entre outras coisas, ouvir o aluno, aceitar suas opiniões, averiguar suas necessidades, e principalmente motiva-lo em todas as aulas a protagonizá-las. A maior ação pedagógica e talvez a mais eficaz, consiste no simples fato de professor e aluno falarem a mesma língua e trocarem conhecimento.

No entanto há muitas barreiras e burocracias que impedem o transcorrer eficaz de uma ação diferenciada como essa. A carga horária elevada do professor, a proibição de uma ação pedagógica não inserida no plano de ensino, a não aceitação de alguns colegas de trabalho, entre outros. Cabe ao professor que adquiriu essa postura inovadora seguir o que diz Arroyo (2000) para ele os docentes, fiéis à nova consciência profissional, vêm reinventando formas de organizar seu trabalho. Reagem à condição de aulistas e avançam na autoria de suas práticas, reivindicam horários de estudo, planejamento e tempos de atividades programadas.



Quando se fala em educação faz-se necessário a seguinte pergunta: Que tipo de educação seria necessária para uma sociedade que vive em constante mudança? Segundo Luckesi a educação tem três direcionamentos, “[...] a educação como redentora; educação como reprodução; e educação como um meio de transformação da sociedade”, (LUCKESI, 2007, p. 34).

O terceiro direcionamento pensa a educação como um projeto social capaz de transformar a sociedade, tanto para melhor como para pior, no entanto, se a educação for crítica poderá forjar uma sociedade mais democrática e igualitária. Para isso caberá ao professor de língua portuguesa através das novas ações pedagógicas contribuir para a evolução do seu aluno, fomentando sua criticidade e dando-lhe ferramentas suficientes para sua auto emancipação.

CONCLUSÃO

Após uma série de reuniões, conversas formais e informais, contribuições de propostas e estratégias diferenciadas e a constatação de algumas deficiências nos tramites do processo ensino-aprendizagem, iniciou-se para as séries de primeiros anos do Instituto federal de Educação de Lábrea – AM (IFAM) um projeto escolar inovador. Os professores de Língua portuguesa entenderam, a partir de fatos, que sua disciplina é de plena importância para a vida do aluno, e que esta sendo bem aplicada, de uma forma dialogada e participativa, irá beneficiar o ensino como um todo.

O projeto está apenas começando, muito ainda precisará ser feito, entretanto há um fator primordial para que a ação siga continuamente efetiva: A motivação. Caberá aos professores inseridos na prática criarem subsídios que mantenham os alunos focados no objetivo proposto, pois o desafio além de ousado é complexo. O facilitador terá duas missões nesse processo: Adequar os conteúdos a realidade do educando e encontrar a forma mais adequada para fazê-la.

O educador correrá riscos, talvez muitas das metodologias aplicadas darão certo em uma turma e serão completamente frustrantes em outra. A persistência e perspicácia serão fatores imprescindíveis nesse momento. Mas o simples fato do aceite a uma nova metodologia já é um avanço para o início de uma educação escolar libertária.

Nesta perspectiva espera-se avanços significativos no processo ensino-aprendizagem, pois a soma do dinamismo utilizado nas aulas de Língua portuguesa com a motivação correta dada pelos professores, uma vez que grande parte dos alunos quando instigados demonstram o desejo de



aprender, tem tudo para ser a combinação mais adequada no sentido de amenizar as dificuldades encontradas no dia a dia dentro e fora da sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da Criação Verbal**. 2ª ed. — São Paulo Martins Fontes, 1997 — (Coleção Ensino Superior)

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2004.

DUARTE, Newton. **Concepções afirmativas e negativas sobre o ato de ensinar**. Cad. CEDES v. 19 n. 44 Campinas Abr. 1998

FOUCAULT, Michael. **A Ordem do Discurso**. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola. 1996.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FREITAS, M. T. A. **Vygotsky e Bakhtin: Psicologia e Educação um intertexto**. São Paulo: Ática, 1994.

GONZÁLES, Arroyo Miguel. **Indagações sobre currículo: educandos e educadores: seus direitos e o currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARCUSCHI, Luiz. **Fala e escrita** / Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionisio. 1. ed. Belo Horizonte, Autêntica: 2007.

PORTO, Tania M. E. **As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis... Relações construídas**. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 31 jan./abr. 2006.